

## QUANDO AS MÁSCARAS CAÍRAM

### Ovídio e as amizades frustradas

---

*Carlos Ascenso André*

Podem agora as águas dos rios regredir no leito a caminho da montanha, podem agora as quadrigas do sol galopar às arreguas, podem agora as estrelas cair do firmamento e cravejar-se no solo e as charruas revolver a abóbada do céu, pode agora a água abrasar-se em fogo e as chamas volver-se em água; de nada valem as leis da natureza, pois que a lei sagrada da amizade foi destruída (cf. *Tr.* 1.8).

A partida do poeta em direcção a Tomos – uma cidade enregelada nos confins do Império – não havia sido há muito; mal tivera ainda tempo de se acostumar à ideia da ausência; o bastante para lhe chegar aos ouvidos a notícia de que os amigos que em Roma havia deixado o iam abandonando, um após outro. É possível que tivesse partido de Roma esperançoso; afinal, os amigos, próximos do poder, sempre lhe podiam acudir. Cedo se lhe desvaneceu a fantasia (*Tr.* 1.8.9-16):

Haec ego uaticinor, quia sum deceptus ab illo  
laturum misero quem mihi rebar opem.  
Tantane te, fallax, cepere obliuia nostri,  
adfluctumque fuit tantus adire timor,  
ut neque respiceres nec solarere iacentem,  
dure, neque exequias prosequerere meas?  
Illud amicitiae sanctum et uenerabile nomen  
re tibi pro uili sub pedibusque iacet?

*Eis a minha profecia, desde que fui defraudado por aquele  
que me assegurava ser portador de socorro à minha  
desgraça!  
Tamanho esquecimento de mim, ó aldrabão, de ti se apossou,  
tamanho pavor de acudir à angústia de um homem  
que nem te atreves a confortá-lo na prostração,  
ó coração empedernido, nem a dar favorável seguimento às  
minhas exéquias?  
Aquele sagrado e venerando nome da amizade  
jaz, como se fora coisa reles, a teus pés?*

Esta é a primeira maldição do poeta desterrado contra os amigos – amigos? – que o abandonaram quando sobre si desabou a ira de Augusto e a condenação ao infortúnio. A caminho das paisagens áridas e agrestes de Tomos, nos confins do Império, Ovídio pressentia que os seus pés trilhavam as veredas da solidão. Em vão conhecera as cintilações do fausto, em Roma; em vão pisara os patamares da fama, mascarada de lisonja e adulação. Agrestes, embora, mas, pelo menos, mais sinceros seriam os bárbaros cujo convívio o aguardava. Também em questões de amizade o poeta era o rosto do desânimo. Da frustração, digamos.

Repetidas vezes o tema, ora em tom de queixume, ora de raiva, havia de ecoar nos versos que lhe encham as cartas endereçadas do degredo para Roma.

A Ulisses não faltava a companhia de fiéis amigos; a si, todos o abandonaram (*Tr.* 1.5.63-64). Os que o rodeavam, em tempo de prosperidade, abandonaram o navio nas vésperas do naufrágio. Ignoram-no. Fingem desconhecê-lo, depois de prolongado convívio desde a infância (*Pont.* 4.3). Voga, agora, em frágil batel, ao sabor de vendavais e tempestades, após ter visto debandar do convés quantos ali se abrigavam nos dias em que a navegação era propícia (*Pont.* 2.3.25-30).

Está de rastos, portanto, o nome da amizade; posto a saldo, como uma vulgar cortesã (*Pont.* 2.3.19-20).

Porquê? Não tarda o poeta em encontrar explicações, que a própria natureza lhe não esconde: o medo. Aquilo que afugenta os homens de junto da parede prestes a ruir, aquilo que leva a evitar a companhia do doente, por temor do contágio (*Pont.* 2.3.11-14).

Não foi, portanto, o ódio que gerou a debandada, mas o pavor. O medo dos deuses, o mesmo é dizer, de Augusto. É quanto basta para que o poeta hesite na condenação – uma insegurança bem própria do seu espírito oscilante, por feição, mas também por estratégia (*Pont.* 3.2.15-24). O que, valha a verdade, pouco abona o seu próprio conceito de amizade.

Nem todos, porém, são assim.

Há também o amigo fiel e leal, firme nos sentimentos de outrora, a despeito da ruína que, entretanto, sobreveio. Alguns revelaram, na provação, a força e consistência do afecto traduzido em presença amiga – conselhos, conforto, pranto solidário (*Tr.* 3.4a). Um deles, por exemplo, agiu com a constância dos nomes míticos que enobreceram a amizade: Pátroclo, Pílates, Teseu, Piríto. Lembra as lágrimas que lhe viu derramar na noite derradeira em Roma, os queixumes, as palavras de conforto ao amigo de súbito atingido pelos reveses de uma fortuna inclemente (*Tr.* 5.4.23sq.).

Não serão muitos, esses a quem pode apelidar verdadeiramente de seus amigos; dois ou três, no máximo, já que os restantes eram mais chegados à sua ventura que a si próprio (*Tr.* 1.5.33-34).

Mas ainda bem que o edifício desabou em ruínas; assim se pôde a verdade manifestar. Não fora a descida aos infernos e a relação entre Piríto e Teseu teria caído no esquecimento; não fora o furor que de Orestes se apossou, e Pílates não teria podido revelar por ele a amizade que se tornou proverbial; não fora a morte de Euríalo às mãos dos Rútulos e Niso não teria tido ocasião de mostrar quão grande era o afecto que lhe votava (*Tr.* 1.5.19-24). É que (*Tr.* 1.5.25-26)

Scilicet ut fuluum spectatur in ignibus aurum,  
tempore sic duro est inspicienda fides.

*Tal como a qualidade do oiro fulvo se afirma, com segurança,  
pela prova do fogo,  
assim é em tempos difíceis que se há-de poder ver a  
lealdade.*

Na adversidade, portanto, foram postos à prova os amigos; poucos resistiram<sup>1</sup>.

Está certo, apesar de tudo, de que nem todos desapareceram: há um que suspira ainda pelo poeta, que o evoca na ausência, como se contemplasse o seu retrato (*Tr.* 1.7.5-10); outro demoveu do receio amigos menos firmes e socorreu-lhe a esposa, em vias de ser espoliada; é credor, por isso, de infinda gratidão (*Tr.* 1.6.15-16); há também o que lhe mantém, digamos, fidelidade literária – é amigo do *ingenium* do poeta; a este, encomenda-lhe os filhos, o mesmo é dizer, os livros, para que deles cuide (*Tr.* 3.14).

---

<sup>1</sup> Vd. também *Pont.* 2.3.37-46 e 4.6.23-26.

Por tudo isso, evoca os amigos em sucessivas elegias de cada uma das suas colectâneas. Mas não do mesmo modo, em ambos os casos. Nos *Tristia*, o primeiro livro do exílio, teme pela segurança dos que supõe continuarem a ser-lhe fiéis e oculta-lhes os nomes. Não menciona os seus destinatários mais do que por *amici* ou *sodales*, certo de que saberão descortinar a sua identidade, nos versos que a cada um deles são endereçados (*Tr.* 3.4b-17-20):

Vos quoque pectoribus nostris haeretis, amici,  
dicere quos cupio nomine quemque suo;  
sed timor officium cautus compescit et ipsos  
in nostro poni carmine nolle puto.

*Haveis, vós também, de continuar enraizados no meu coração, ó meus amigos, a quem desejaria eu cantar, cada um por seu nome; mas um receio cauteloso me trava o desempenho de tal dever, e eles próprios, julgo não desejarem ter lugar no meu canto.*

Se para tanto lhe fosse dada permissão, por certo haveria de imortalizar, através do canto, o nome do seu amigo, para que Roma inteira o conhecesse e, ao mesmo tempo (Ovídio move-se, quase sempre, por interesse), conhecesse também a desgraça do seu desterro (*Tr.* 5.9).

Já na segunda colectânea, as *Epistulae ex Ponto*, praticamente perdida a esperança de regresso, muda de estratégia. À excepção de um caso<sup>2</sup>, o temor de invocar os destinatários pelo nome cessou.

Deplora a ausência de Grecino, cujas palavras lhe poderiam servir de alento nas agruras do presente; que, ao menos, lhe enderece de longe uma palavra de conforto, para lhe aligeirar o peso da desventura (*Pont.* 1.6). A Ático, dirige-lhe um apelo: que retenha na memória os dias de prolongado convívio e não deixe cair no esquecimento, filho do tempo e da distância, as longas caminhadas em comum (*Pont.* 2.4). E também a Macro, cuja companhia é uma constante na solidão de terra inóspita (*Pont.* 2.10.49-50):

Hic es et ignoras et ades celeberrimus absens  
inque Getas media iussus ab Vrbe uenis.

*Estás aqui, mesmo sem o saberes; na tua ausência, és uma presença constante e és trazido para os Getas desde o meio da Urbe.*

---

<sup>2</sup> *Pont.* 3.6.

A Cota, pergunta-lhe se ainda conserva nos lábios o nome de Nasão (*Pont.* 3.5.44) e garante-lhe que o seu retrato se lhe não desvanece na memória, que mantém a força do olhar (*Pont.* 3.5.47).

A Albinovano, como a todos, de resto, mais não pede que amizade (*Pont.* 4.10), tarefa bem mais acessível que a que era reclamada a Teseu (*Pont.* 4.10.79-82):

Non tibi sunt hostes ferro clauaque domandi,  
per quos uix ulli peruius Isthmos erat,  
sed praestandus amor, res non operosa uolenti.  
Quis labor est puram non temerasse fidem?

*Não terás de dominar à força da espada ou da clava o o inimigo,  
por obra de quem o Istmo a custo se torna acessível a  
qualquer um,  
mas de dar garantias de afecto, coisa pouco penosa, desde que  
haja vontade.  
Pois que canseira existe em não manchar a pureza da  
lealdade?*

Por vezes, lembra o longo convívio dos tempos de infância, em percurso onde a amizade se foi enrijecendo com o passar dos anos, a ponto de fazer dos amigos, como Tuticano, verdadeiros irmãos (*Pont.* 4.12).

Uma tal leitura das cartas do exílio suscita no observador profunda simpatia pelo poeta. O leitor a custo logra manter-se impassível ante a dupla desventura: a condenação a um degredo penoso, o abandono por parte dos amigos. Simpatia tanto mais intensa quanto maior é a ingratitude daqueles que esqueceram, num ápice, a amizade de longos anos e debandaram nos primeiros momentos de aflição. Simpatia tanto mais funda quanto é certo que Ovídio, a fazer fé nas suas próprias palavras, não seria merecedor de um tal gesto: afinal, no decurso dos largos anos de convívio com os companheiros de fausto, em Roma, ele tudo fez para enobrecer a amizade e teceu-a de emoções e sentimentos de puro afecto, eivado de desprendimento. É ele quem o afirma.

Seria assim?

Não falam muito de amizade os livros consagrados ao amor. Não é de todo impossível, em todo o caso, respigar uma ou outra alusão, por exemplo na *Ars amatoria*. O contexto, é certo, é bem diverso. O poeta empenhava-se, então, em ensinar as artes da sedução, os trilhos da conquista amorosa, as técnicas do prazer sensual. Seduzir e conservar o objecto da sedução, esse era o lema. A amizade, aí, não passava de uma palavra (*Ars am.* 1.738):

Nomen amicitia est, nomen inane fides.

*É um nome a amizade, um nome vão a lealdade.*

Os amigos, nas artes do amor, não são de confiança; são, ao invés, propensos à traição (*Ars am.* 1.749.752):

Non est hostis metuendus amanti;  
quos credis fidos, effuge; tutus eris.  
Cognatum fratremque caue carumque sodalem;  
praebebit ueros haec tibi turba metus.

*Não é o inimigo que o amante deve temer;  
aqueles que supões leais, afasta-te deles! Ficarás em  
segurança.*

*De parente e de irmão, acautela-te, e de queridos companheiros;  
Toda essa gente te há-de proporcionar autênticos temores.*

A tanto se cingem os conselhos que, no tocante aos amigos, Ovídio endereça aos seus possíveis discípulos nas artes do amor. E também às discípulas, pois semelhante advertência dirige às mulheres (*Ars am.* 3.659-660):

Questus eram, memini, metuendos esse sodales;  
non tangit solos ista querela uiros.

*Lamentei-me, tanto quanto me lembro, de que há que temer os  
amigos;  
um tal queixume não diz respeito apenas aos homens.*

Fica, pois, a sensação de que a amizade, em Ovídio, poderá não ser mais que uma tática, a menos que se trate de sentimento recente, a florescer em coração arrependido da leviandade de tempos idos.

Dois passos das *Epistulae ex Ponto*, em todo o caso, parecem aconselhar a primeira destas interpretações.

Reconhece ser comum fazer prova da amizade pela utilidade que tem (*Pont.* 2.3.7-10); e ele próprio assim age, na medida em que grande parte das repetidas afirmações de afecto aos seus destinatários não visa mais do que cativá-los para a defesa da sua causa<sup>3</sup>.

Ou seja: o cantor dos brandos amores, como a si mesmo se denomina, ao tempo em que deambulava pelos salões da nobreza romana, entre luzes, festas e banquetes, ou vagueava pelos recantos da cidade, ruas, fontes, teatro, forum, não seria muito dado ao culto da amizade autêntica, leal,

<sup>3</sup> *Pont.* 1.7 é um exemplo evidente.

profunda. Dela, pelo menos, não nos chegam sinais na poesia desse tempo; apenas fugazes ecos, porventura distorcidos pelo tempo e pela ausência, se acaso não eram já retorcidos na raiz; ou, talvez, sinais forjados pelo interesse, nos cantos do desterro. É provável que cultivasse múltiplas relações cordiais, envernizadas, digamos, de circunstância.

Talvez por isso, porque a amizade se não alicerçava em raízes, os amigos – ou aqueles a quem atribui esse título – o abandonaram. Nos momentos da partida, poucos foram já os que marcaram presença (*Tr.* 1.3.15-16):

Adloquor extremum maestos abiturus amicos,  
qui modo de multis unus et alter erat.

*Lanço um derradeiro apelo, no momento da partida, aos amigos  
entristecidos;  
de muitos, apenas um ou outro ali estavam.*

Estes, somente, revelam, desde o primeiro instante, a sua solidariedade e unem o seu pranto às lágrimas da esposa e dos filhos do poeta que abandonava, em definitivo, a cidade.

Um deles, que conserva no anonimato, terá sido o bastião da família nos primeiros tempos, ao empenhar-se em apaziguar a cólera de Augusto, de modo a que o poeta não fosse espoliado dos bens e deixasse a família na penúria (*Tr.* 4.5).

É um caso raro. Poucos podemos emparceirar a seu lado, ainda que consideremos sinceras as palavras de amizade que preenchem grande parte das cartas da segunda colectânea – interpretação por demais duvidosa, como antes se disse.

As novas amizades, essas são ainda mais raras. Se os que estavam por perto debandaram, no momento da ruína, agora, que a perdição parece irremediável, ninguém dá mostras de querer chegar-se ao condenado.

Apenas um homem, cujo nome, uma vez mais, se furta a revelar, se aproximou dele na desventura – um amigo *recens*, ‘recente’ –, alguém a quem a comisseração terá movido, já que o poeta, ele mesmo, afiança ser pouco provável o aparecimento de tal amizade sob ventos auspiciosos (*Tr.* 3.5.5-8):

Vt cecidi, cunctique metu fugere ruinam  
uersaque amicitiae terga dedere meae,  
ausus es igne Iouis percussum tangere corpus  
et deploratae limen adire domus.

*No momento em que me despenhei, e todos, de pavor, fugiram à  
minha desgraça  
e voltaram as costas à amizade que me tinham,  
ousaste tu tocar o corpo flagelado pelo fogo de Júpiter  
e chegar-te aos portais de uma casa lastimável.*

Um homem, apenas, se acercou dos escombros, em sentido inverso ao da debandada geral.

Assim é o retrato da amizade que se desprende da poesia ovidiana: sob o signo da frustração, do desencanto, do desalento. Um retrato que tem os traços da máscara, do disfarce. Um retrato – será legítima a suspeição – que o próprio poeta, nos dias de ventura, ajudou a pintar. Difícil se torna descortinar se o autor da *Ars amatoria* e dos *Amores* foi de veras amigo de alguém. E quando o infortúnio lhe bateu à porta, os quadros sucedem-se, em tons sombrios: os que fogem quando as paredes estão prestes a ruir; os que evitam a aproximação, receosos do contágio; os que abandonam o convés, ante a iminência do naufrágio; os que – Antes, todos amigos, *amici, sodales*.

Terá o poeta colhido aquilo que semeou?

Não o saberemos responder. Quem sabe a resposta não seria, agora, inútil.

O que fica, nesta fase derradeira de uma vida, antes resplandecente, mas volvida em súbita desventura pelos golpes da fortuna, o que fica é um quadro que se tornou proverbial (*Tr.* 1.9.5-16):

*Donec eris sospes, multos numerabis amicos:*

*tempora si fuerint nubila, solus eris.*

*Aspicis ut ueniant ad candida tecta columbae,  
accipiat nullas sordida turris aues.*

*Horrea formicae tendunt ad inania nunquam;  
nullus ad admissas ibit amicus opes;*

*utque comes radios per solis euntibus umbra est,*

*cum latet hic pressus nubibus, illa fugit,*

*mobile sic sequitur fortunae lumina uulgus,*

*quae simul inducta nube teguntur, abit.*

*Haec precor ut semper possunt tibi falsa uideri;*

*sunt tamen euentu uera fatenda meo.*

*Enquanto fores afortunado, contarás por muitos os amigos;*

*se os tempos se tornarem enevoados, ficarás só.*

*Vês como se acercam dos telhados resplandecentes as pombas;*

*mas não há-de acolher a torre imunda qualquer ave.*

*Para celeiros vazios, jamais se encaminham as formigas;*



*nenhum amigo vai ao encontro de riquezas já perdidas;  
assim como a quem marcha sob os raios do sol, a sombra é sua  
companhia,  
mas quando ele se esconde, oculto pelas nuvens, ela se  
esvai,  
assim, na sua inconstância, segue o vulgo o brilho da fortuna;  
tão depressa ele é velado pela chegada de uma nuvem,  
desaparece.  
Tudo isto desejaria eu que sempre te pudesse parecer um engano;  
por verdadeiro, no entanto, há que tomá-lo, por força de  
quanto me sucedeu.*

A amizade tem, aqui, as cores do desengano. Será, talvez, o encontro cruel com a falsidade e a traição. Será, talvez, o desafivelar da máscara. Será, ainda, o corolário de uma vida. Será, porventura, um pouco de tudo isso; e também a consciência amargurada de uma verdade; verdade no seu tempo; verdade em tempos idos; verdade no nosso tempo.

Em todas as épocas, as máscaras, quando são máscaras, não resistem à contemplação de escombros. Por isso caem.

Amigos? Antes, indiscutivelmente, um quadro de frustração.